

Sintonia *digital*

O jornalista Ethevaldo Siqueira foi “testemunha ocular” de praticamente toda a história das telecomunicações modernas, tanto no Brasil como no exterior. Fosse pelo jornal Estado de S. Paulo, pela Revista Nacional de Telecomunicações (RNT), ou ainda mais recentemente por seus boletins na rádio Eldorado ou suas colaborações na revista IT Mídia, Siqueira assistiu e registrou a criação do Ministério das Comunicações, em 1967, da Telebrás, em 1972, da Agência Nacional das Telecomunicações (Anatel), em 1997, acompanhando seu trabalho até hoje. Ao longo dos seus quase 40 anos de atividade jornalística, viajou ao redor do mundo para participar de entrevistas com cientistas, líderes e personalidades, para visitar laboratórios de pesquisa de ponta, assistir a congressos e aos maiores eventos do mundo da comunicação e da tecnologia. Entre tantos outros, dialogou com figuras como o visionário Arthur C. Clarke, bem como com os astronautas da problemática Apollo 13.

Ao ser entrevistado pela *Organicom*, acabara de chegar da coletiva que anun-

ciou a adesão da Apple à nova linha de microprocessadores Intel. Uma notícia bombástica para o mercado especializado. Mesmo com todo esse currículo, Ethevaldo se classifica como uma espécie em extinção. Jornalistas como ele vão viajar muito menos, precisarão muito menos da “relação presencial”, segundo prevê no seu recém-lançado livro “2015 – Como Viveremos”. De testemunhas oculares passarão a testemunhas digitais. Tudo isto por causa da evolução e difusão das ICTs (do inglês, Tecnologias de Informação e Comunicação, que ele não gosta de aporuguesar para TICs). Isso só para se ter uma idéia.

É provável que boa parte do que o leitor sabe hoje sobre novas tecnologias tenha sido noticiado por Ethevaldo, o que lhe rendeu dois prêmios Esso de Jornalismo (1968 e 1978). Não havia como ser diferente a *Organicom* tê-lo escolhido como entrevistado para discutir quais as conseqüências sociais, econômicas, políticas e culturais da aceleração do ritmo dessas inovações, ou seja, da velocidade do progresso e das mudanças tecnológicas.

Ethevaldo, jornalista formado pela primeira turma da ECA-USP e que também foi professor da Escola até 1996, abriu as portas para a equipe de Organicom numa tarde de sábado na sede da Telequest Telecomunicações Ltda., empresa da qual é diretor e cujo escritório localiza-se às margens da Rodovia Raposo Tavares, totalmente fora do circuito das empresas de tecnologia de São Paulo. Conversamos entre laptops e outros equipamentos de última geração, como redes wireless e câmeras digitais. E violinos, sua fuga do mundo da tecnologia.

■ **Organicom** - Qual o maior impacto da tecnologia hoje em dia na sociedade?

— **Ethevaldo Siqueira** - É a da quebra de paradigma. Vivemos numa época e num mundo em que as tecnologias analógicas evoluem para digitais, a banda estreita para banda larga, baixa velocidade para alta velocidade, de protocolos fechados para protocolos abertos e de sistemas de comunicação fixa para a comunicação móvel, como o celular e o computador portátil.

■ **Organicom** - E como isso se apresenta nas empresas?

— **Ethevaldo Siqueira** - Tanto as pessoas como as organizações estão mudando comportamentos, métodos, estratégias. Esse é o primeiro impacto que qualquer organização experimenta porque seus dirigentes e profissionais se vêem diante de novos desafios e têm, portanto, de mudar de comporta-

to. Isso é o que primeiro ocorre com as pessoas que chegam a uma organização sem ter a formação profissional adequada. Há vinte anos não se tinha acesso à Internet e hoje se tem acesso integral. Com isso, a organização em si e mais todos os que nela trabalham ou que dela participam acabam enfrentando desafios: de uma formação, de se prepararem para as mudanças que estão

“
As mudanças de paradigmas foram muitas, mas nenhuma ocorreu com a velocidade que vemos hoje.
”

ocorrendo agora e que, amanhã (e esse amanhã é em muito curto prazo), vão exigir novas habilidades, desempenhos, visões, estratégias. No capitalismo, o próprio sistema se incumbem de excluir os ineficientes, os não-competitivos. É só imaginarem aqueles que trabalhavam com tecnologias que desapareceram. Nós quase não usamos mais o fax, muito menos o telex. A Internet absorveu uma porção de coisas. Se não responder a tempo a tudo isso, a empresa terá que ser substituí-

da por algum tipo de solução. Ou a sociedade vai pagar um preço muito alto pela baixa produtividade. O fato relevante é que nós vivemos a mudança de paradigma de maneira muito mais rápida do que em qualquer outra época, como na Revolução Industrial do século XVIII ou nos séculos seguintes. A introdução da máquina a vapor levou mais de cinquenta anos. Já experimentamos, portanto, muitas mudanças de paradigmas, mas todas elas ocorriam em longos períodos de tempo e não na velocidade de hoje.

■ **Organicom** - E como essa mudança de paradigma atinge a comunicação?

— **Ethevaldo Siqueira** - Quando as quebras de paradigma ocorrem na tecnologia da informação, o impacto é muitas vezes maior. É uma mudança tal que até os veículos tradicionais, os jornais, por exemplo, estão ameaçados em sua sobrevivência. O jornal de papel, como o conhecemos, não tem futuro, não sobreviverá mais trinta ou quarenta anos. Os meus bisnetos não vão ler notícias em jornal, não vão esperar que recebam esse jornal de papel na manhã do dia seguinte. Como já percebemos hoje, essas notícias chegam primeiro na Internet, na televisão e no rádio, que são veículos instantâneos. O jornal tem sempre um atraso, um *delay*, que vai impedir a competição. Vai sobrar uma função para a sobrevivência do jornal – que é a reflexiva, opinativa, interpretativa – mas

que não deverá ser num veículo de papel desse tipo. Poderá até ser feita numa tela em que se reproduz o papel, mas sempre papel ou plástico recicláveis.

■ **Organicom** - Como o Sr. vê a difusão da Internet?

— **Ethevaldo Siqueira** - Se a Internet é utilizada dentro de uma metodologia correta e com um senso crítico na busca da informação, é possível fazer coisas extraordinárias. Nossa geração é, evidentemente, gutenberguiana. Nós aprendemos a ler, adoramos livros, a casa está cheia deles. Já os meus filhos não têm a mesma vocação. Eles não investem com o mesmo interesse, com o mesmo carinho, em ter uma biblioteca. Eles vão pela Internet, no Yahoo!, no Google e fazem uma pesquisa com uma rapidez ímpar, por canais corretos, desde que saibam separar o joio do trigo – uma montanha de joio e um pouquinho de trigo. Esse pouquinho é muito valioso e acrescenta muito hoje. Ao mesmo tempo em que há um valor extraordinário, há uma taxa de risco muito grande. E é nesse aspecto que as pessoas têm que ser treinadas.

■ **Organicom** - Que tipo de risco? O Sr. considera a Internet ainda insegura?

— **Ethevaldo Siqueira** - Eu não seria ingênuo. Há toneladas de lixo, há fraude, pedofilia, e isso leva a atitudes complexas como, agora, nos Estados

Unidos, em que estão querendo estabelecer responsabilidade criminal, ou pelo menos responsabilidade civil, por todos aqueles sites que trabalham com pornografia. Por exemplo, adotaram experimentalmente na Califórnia um sistema que permite a identificação do usuário final. É como o controle da telefonia, onde se sabe quando foi feita uma ligação telefônica, qual o horário, para qual telefone e quanto tempo se conversou. Não é uma censura de conteúdo, apenas um controle sobre a origem da conexão.

■ **Organicom** - O Sr. é a favor de um controle da Internet?

— **Ethevaldo Siqueira** - É preciso discutir aqui se existe a liberdade de alguém interferir na sua vida. Temos dificuldade para estabelecer mecanismos de responsabilização sem que isto cause efeitos colaterais muito negativos. Há

aqueles que defendem o anonimato. Eu não defendo e acho que devemos abrir mão desse tipo de comunicação. Quem usar a Internet, deve ficar registrado o nome. Toda vez que eu recebo uma mensagem, tenho que saber sua origem. Na Internet, é possível mandar 10 milhões de mensagens por um preço próximo de zero, o que permite e incentiva o anonimato em massa. Não se trata apenas do envio de mensagens, mas também de vírus, programas espiões. Por que preservar a liberdade daqueles que assim procedem? Não existe a liberdade absoluta. O direito que ele tem é tão importante quanto o meu. Na Internet, também temos o direito à legítima defesa, pessoal, de nossa família, da sociedade. A tecnologia já tem respostas para isto. Todos os sites têm que ter uma identificação, que não precisa vir pra mim e sim para um sistema de controle. Aqui no Brasil, podemos ter o Ministério de



“
Eu não defendo
o anonimato
na Internet. Não
existe liberdade
absoluta.

”

Ciência e Tecnologia, a Fapesp, todos os que estão controlando a Internet, seus endereços e procedimentos etc. Com a parceria desses órgãos, a Justiça tem mais condições para proteger a sociedade. Eu não me sinto, de maneira alguma, agindo com impulsos totalitários.

■ **Organicom** - A vida das pessoas vai depender cada vez mais da informática e qualquer problema pode se tornar um cataclismo na vida dela, não?

— **Ethevaldo Siqueira** - Sim. É importante notar que direito à privacidade, que supúnhamos ser quase intocável e que seria sempre assegurado, está sendo pulverizado pelas novas tecnologias e pela falta de consciência. Em especial, por parte do próprio cidadão, que não preza pelas suas informações, que fornece seus dados pessoais sem o menor critério e não restringe aquilo ao que é essencial. Mas a busca de provas exige, muitas vezes, a quebra desse direito fundamental. Então, quando lemos que é garantido o sigilo da correspondência, da comunicação telefônica, dos depósitos bancários, da movimentação, estamos diante de uma proteção extremamente precária desse direito. Não só o juiz pode ter acesso, mas o grande problema é que todo mundo está violando esse direito.

■ **Organicom** - A produção intelectual tem se tornado um outro ponto bastan-

te discutido quando o assunto é tecnologia. Como o Sr. vê essa questão?

— **Ethevaldo Siqueira** - Não é só a privacidade que está em xeque, mas também a propriedade intelectual. Não existe muita seriedade no tratamento da propriedade intelectual. Se for um programa pirata ou um CD pirata, a pessoa acha extremamente natural comprar ou usá-lo. No Brasil, nunca houve a idéia de proteger a produção. Só que isso se torna um processo que inibe e desestimula a própria produção. A cópia é favorecida pela tecnologia digital que é muito mais vulnerável, frágil e que exige muito mais seriedade e cuidado das duas pontas, tanto de quem produz a tecnologia quanto do usuário final.

■ **Organicom** - Qual um outro impacto da tecnologia nas empresas?

— **Ethevaldo Siqueira** - Creio que um outro grande impacto vem do comércio eletrônico, que já atingiu cerca de dez por cento do PIB. É um valor realmente grande, significando algo próximo de cinquenta bilhões de dólares. Dessa totalidade, noventa e cinco por cento ainda é o comércio B2B, isto é, de transações entre corporações. E ainda será, majoritariamente. Só cinco por cento desse total é representado pelo B2C, o *business to consumer* (negócios entre a empresa e o consumidor final). No futuro, a tendência desse consumidor final de usar o comércio eletrônico será muito maior. No caso do

Brasil, ainda há restrições como o poder aquisitivo, a cultura, a desconfiança e os problemas de segurança etc. Isso já não acontece entre as empresas. Elas têm banda larga e sites que são muito mais seguros para entrar, para gerenciar o que se está comprando e vendendo. E isso está mudando completamente o comportamento das empresas, a agilidade delas nas compras e vendas.

■ **Organicom** - Aproveitando uma discussão bastante atual no Brasil, o que vai mudar com a TV Digital?

— **Ethevaldo Siqueira** - A digitalização não vai fazer nenhum milagre para os problemas atuais enfrentados pela televisão brasileira. Vai, sim, oferecer novas oportunidades, alta definição e interatividade, mas a grande questão é o que o Brasil vai fazer com tudo isso. Pode não acontecer nada de bom. O que muda realmente as coisas é a educação. É democratizar a cultura e o acesso ao estudo, que vão resultar, seguramente, em um senso crítico mais aguçado do usuário. Saber que o Big Brother é um grande sucesso aqui no Brasil ou nos Estados Unidos é de desanimar, não é? Eu quase perco a fé na humanidade. Mas reajo.

“
A digitalização não vai fazer milagre pelos problemas da televisão brasileira. A solução é a educação.
”

■ **Organicom** - E quanto à esfera pública? O que está mudando?

— **Ethevaldo Siqueira** - O Governo está conseguindo fazer coisas extraordinárias. Mas não podemos dizer o mesmo no Brasil, exceto dois ou três Estados, a começar pelo Estado de São

Paulo, que começa a usar mais intensamente as tecnologias digitais e da informação para melhorar a gestão pública. As economias feitas com as compras por meio de leilões eletrônicos via Internet pelo Governo do Estado de São Paulo, por exemplo, economizam bilhões de reais. O processo é transparente, qualquer cidadão pode acompanhar. Isso reduziu drasticamente a corrupção.

O Governo Eletrônico começa a pôr ao alcance do cidadão o acesso a todas essas informações e serviços, desde como marcar uma consulta na medicina pública ou no INSS sem precisar ficar horas numa fila. Isso é algo que o Governo Eletrônico já poderia ter eliminado. Mas isso ainda não acontece, exceto em algumas áreas pontuais, como a Justiça, e ainda em pequeníssima escala. A tecnologia já existe e está muito à frente. É verdade que toda a sociedade está atrasada, mas o Governo é o

setor mais atrasado de todos, sem dúvida. E a pobreza não é obstáculo ou desculpa para isso, não. Os projetos são de custo relativamente baixo.

■ **Organicom** - Então, o Governo está dormindo no ponto?

— **Ethevaldo Siqueira** - Sim, mas são as lideranças que falham. Em meus contatos com setores especializados do Governo e do Congresso, discutindo esse tema, a primeira coisa que um líder da situação pergunta é: “Em quanto tempo nós vamos ter a maturação desse projeto? Em cinco anos?” Nesse ponto, vem a razão máxima para não fazer: “Ah, mas em cinco anos eu não estou mais aqui.” O longo prazo dos políticos, em sua maioria, é a próxima eleição, e não vamos convencê-los jamais a fazer um projeto que vai levar quatro, cinco ou dez anos para amadurecer.

■ **Organicom** - A falta de um projeto de país é um problema que remonta ao descobrimento...

— **Ethevaldo Siqueira** - Exatamente. Não se tem horizonte pela frente por falta de espírito público – não é vontade política, é espírito público mesmo, pois vontade política eles têm, só que para os interesses partidários e pessoais. Existe tecnologia e os custos são acessíveis e alguns exemplos isolados já mostram a viabilidade dos projetos de informática e tecnologia. Por exem-

plo, todos os municípios do Estado de São Paulo estão integrados por meio da Internet e com a intranet, na Secretaria do Planejamento, que acompanha a execução dos seus orçamentos.

■ **Organicom** - O Sr. consegue imaginar empresas ou instituições que não precisem de estratégias digitais ou até mesmo de estar na Internet?

— **Ethevaldo Siqueira** - Em geral, 99,9% podem e devem ter uma estratégia digital. Mas há muitas empresas que fogem do contato com a opinião pública pela natureza dos seus serviços. Por exemplo, as empresas que desenvolvem tecnologias chamadas críticas ou sigilosas. Outro dia, eu liguei para um diretor deles e perguntei se ele queria dar uma entrevista. Ele me disse: “Você está louco?”. Seja o nome que tenha, não está querendo aparecer para a opinião pública. A Casa da Moeda, por exemplo, não precisa ter site, pois é um negócio muito fechado. E há outras que não têm por negligência também.

■ **Organicom** - E qual o principal fator, em sua opinião, na definição de uma estratégia de comunicação digital?

— **Ethevaldo Siqueira** - O primeiro objetivo de uma empresa é ser competitiva, principalmente se falamos em corporação do mercado capitalista. Então, o primeiro passo é perguntar se a introdução dessa tecnologia a torna mais

competitiva. Pode não ser imediatamente, mas que tende a contribuir no futuro. Além disso, há outros fatores como a segurança, por exemplo, e a produtividade interna.

■ **Organicom** - A tecnologia traz obrigatoriamente a impessoalidade? Tende-se a perder ainda mais o olho-no-olho, as relações pessoais?

— **Ethevaldo Siqueira** - A tecnologia não faz perder a personalidade, mas, sim, o que chamamos de relação presencial. Eu posso ter uma relação pessoal numa videoconferência com alguém. É comunicação on line, eu vejo a pessoa, percebo suas reações, embora ela esteja a quinhentos quilômetros de distância.

■ **Organicom** - A impressão talvez até não seja muito diferente desta nossa entrevista...

— **Ethevaldo Siqueira** - Talvez. Em determinadas situações, a tecnologia pode ajudar muito. Casos como a mãe em casa aflita com um acidente que acaba de ocorrer com uma criança e pode falar imediatamente com o médico. Ela toma uma providência, socorre a criança, quase que instantaneamente,

mesmo antes da chegada de qualquer médico ou ambulância. Isso graças a uma comunicação que não é presencial, não é face-a-face, mas que é on line, em tempo real, que permite agir. Agora, é claro que a nossa geração está muito mais acostumada a ter uma relação face-a-face presencial do que conversar com uma secretária eletrônica ou um computador.

■ **Organicom** - Com relação aos profissionais de comunicação, o senhor acredita que a falta dessa relação presencial influencia na resistência por parte deles na adoção das novas tecnologias?

— **Ethevaldo Siqueira** - A questão da diminuição das relações presenciais, suposta ou

real, tem grande significado não apenas para os profissionais de comunicação, mas para a população em geral. Mas, dia a dia, isso tende a ser absorvido, principalmente pelas novas gerações. A intimidade com as novas tecnologias muda radicalmente o cenário. Meu netinho, com dois anos, já associa o movimento do mouse com o cursor e adora brincar com o computador. Isso é uma quebra de paradigma que, certamente, tornará muito mais fácil seu relacionamento com as mudanças

“
A tecnologia,
quando mal
utilizada, gera
um duplo
inferno: não
resolve e piora
muito mais
a relação.
”

que o futuro lhe irá trazer. E não há dúvida de que, à medida que ele vai crescendo, a tecnologia vai permitir programas mais rápidos, novos recursos e *softwares*, com os quais ele irá se relacionar da forma mais natural do mundo. Crianças como ele são, justamente, os profissionais do futuro.

■ **Organicom** - As empresas produtoras de tecnologia estão respondendo à demanda do mercado ou elas estão criando tecnologia pela tecnologia?

— **Ethevaldo Siqueira** - Eu diria que existem as duas coisas. É uma necessidade de sobrevivência buscar cada vez mais tecnologias. Na minha opinião, o mercado está pedindo mais soluções do que tecnologia. Existe uma outra combinação, uma maneira de usar diferente, que muitas vezes está até na preparação do usuário. Daí a importância da educação, do treinamento e da reciclagem permanentes dos usuários. As empresas têm demandas muito específicas, têm que combinar rapidez com segurança. Outro ponto capital é o custo e o conjunto de atributos a que chamamos qualidade.

■ **Organicom** - As empresas estão conseguindo aproveitar a interatividade? Estão conseguindo fazer com que a informação volte para elas com um grau de dispersão pequeno e com grande aproveitamento?

— **Ethevaldo Siqueira** - Até aqui, poucas

empresas estão aproveitando todo o potencial que a interatividade pode trazer, embora se fale tanto em televisão interativa. A TV só vai ser interativa de verdade com a digitalização. Tivemos alguns programas incipientemente interativos, como o Você Decide, da Globo, no qual o espectador ligava e escolhia o final da história. Mas essa ainda é uma forma limitada de interatividade. E a relação entre fornecedor e cliente deveria adquirir maior grau de interatividade. Um exemplo de interatividade importante, já disponível, é o '0800', o Serviço de Apoio ao Cliente, por meio do qual o cliente dá o seu *feedback*. Mas ainda é pouco utilizado. De forma geral, deveria haver mais interatividade entre a Prefeitura e os contribuintes, entre o Governo e todo cidadão que precisa de serviços de informação. Há avanço, sim, mas o problema maior é mudar comportamentos e hábitos que estão enraizados. Por natureza, o ser humano é terrivelmente conservador, em particular em seu estilo ou ritmo de vida. Quebrar paradigmas de comportamentos não é fácil, nem que seja para melhor.

■ **Organicom** - Se as empresas atingirem um ponto em que tudo funcione exclusivamente na plataforma digital, num país em que o acesso tecnológico ainda é muito restrito, como o Brasil, será que não vai haver mais exclusão?

— **Ethevaldo Siqueira** - A exclusão pode ocorrer. Embora não haja muitos da-

“
**Inclusão é democratização
de acesso por meio
das ICTs. A informação
pode melhorar a qualidade
de vida das pessoas.**
”



dos sobre o problema, creio que a exclusão digital seja menos alarmante do que se imagina. Para evitar que seja pior, temos que adotar dois caminhos. De um lado, adotar políticas públicas de inclusão nacional. De outro, mobilizar a sociedade e envolver todos os segmentos possíveis – empresas, partidos, universidades, mídia, sindicatos, ONGs, igrejas – num esforço convergente. Temos que pensar também no direito das minorias, enquanto não se universalizar esses novos serviços e tecnologias, mesmo se a exclusão for de apenas cinco por cento dos usuários. Não podemos, portanto, exigir que o contato com uma empresa ou com o setor público seja realizado apenas via Internet ou mesmo via orelhão na esquina quando o cidadão não conta com o acesso à web ou encontra o telefone sempre quebrado. É injusto. A Anatel já percebeu essa necessidade e deu marcha a ré no processo, exigindo que as

empresas de telefonia abrissem lojas de atendimento pessoal. É uma alternativa necessária, até porque os Call Centers são verdadeiros centros de tortura, que funcionam tão mal que se faz necessário outro canal de atendimento, face-a-face, para se resolver tudo o que o cliente não consegue por telefone. A tecnologia, quando mal utilizada, gera um duplo inferno. Não só não resolve, como piora muito mais a relação. Mas o que falta ao cidadão, de maneira geral, é lutar pelos seus próprios direitos. Ele se deixa burlar nos seus direitos por falta de consciência.

■ **Organicom** - Neste caso, o senhor acha que a própria tecnologia pode influir na formação do cidadão?

— **Ethevaldo Siqueira** - Pode. Mesmo com todos os problemas de qualidade da nossa televisão, por exemplo, ela consegue cumprir papel positivo nes-

se sentido. Há, a meu ver, duas atitudes antagônicas, extremas, diante da tecnologia. Uma é de deslumbramento. Outra, de pavor. Diante dessas duas faces da inovação – soluções e problemas – não devemos oscilar entre uma e outra. Existem várias nuances entre os dois. Um aspecto também importante é achar que a situação social do mundo é dramática, catastrófica. O problema é a população de mais de seis bilhões de seres humanos. Mas, quanto ao percentual de excluídos, o mundo já esteve bem pior do que está hoje. Apesar de tudo, avançamos. A exclusão social que era, há um século, de 70% a 80%, hoje é de 30% a 40%. Sem qualquer ilusão ou ingenuidade – sou um otimista contido – tento colocar racionalidade em minha visão de mundo, com base no velho provérbio: “mais vale acender uma vela do que gritar contra a escuridão”. Muitos têm uma visão infantil dos problemas sociais, imaginando que a tecnologia atrapalha e, pelo fato de haver tantos famintos, pobres e desvalidos – que têm prioridade – seja completamente supérfluo pensar em desenvolvimento tecnológico. A tecnologia, na verdade, ajuda. Temos que investir em TI, porque a informação pode salvar pessoas, melhorar sua qualidade de vida, acelerar a eliminação do analfabetismo, ajudar a educação. Claro que há prioridades, mas com informação a pessoa aprende a buscar comida. Ao invés de dar um peixe, é melhor ensinar a pescar e, como dizem os ambienta-

listas modernos, ensinar a manter o rio limpo, para que sempre haja peixe. Inclusão é democratização de acesso por meio das ICTs.

■ **Organicom** - Como o componente cultural influi na questão da tecnologia dentro das empresas?

— **Ethevaldo Siqueira** - Um dos grandes desafios de todo processo de informação é a preparação e educação do usuário. Ou seja, criar uma cultura de informática na ponta do usuário. Existe uma cultura nova em todas as profissões em função da informatização. E a última barreira para se trabalhar essa cultura é a educação, a escola, que no caso do Brasil é uma instituição extremamente obsoleta e ineficiente no seu conjunto. O que existe são exceções a essa generalização.

■ **Organicom** - Como o Sr. analisa a convivência entre os comunicadores e o pessoal de TI, principalmente no que diz respeito à implementação e aplicação de novas tecnologias? Como deveria ser na prática?

— **Ethevaldo Siqueira** - É um conflito constante, onde existe muita discordância de visões. São mundos diferentes, o do artista e do fabricante do cinzel, de quem tem o instrumento e de quem tem a arte. O comunicador, em geral, resiste à introdução da nova tecnologia por pura teimosia. É claro que precisamos sempre de cuidado e ava-

liação crítica de qualquer inovação. Mas essa resistência a toda novidade tecnológica no ensino tende a cair rapidamente. E isso se deve às novas gerações, que já não se comportam como a minha geração. O desafio hoje é justamente aproximar o usuário de todo fornecedor de tecnologia. Essa aproximação é que elimina barreiras e incompreensões de todo tipo.

■ **Organicom** - O que um profissional de comunicação precisa nesta era tecnológica?

— **Ethevaldo Siqueira** - Creio que a maior demanda será por atualização, reciclagem permanente, porque muitas tecnologias evoluem com extrema rapidez. E as que vieram para ficar vão continuar evoluindo. Alguns cientistas acham que a microeletrônica vai chegar aos limites da miniaturização, atingindo a escala molecular, por volta de 2020. Na verdade, estaremos chegando ao final de um processo, que é o da microeletrônica baseada no silício. Em seguida, vamos à escala atômica, onde vamos trabalhar com átomos e moléculas, e não mais com os cristais que trabalhamos hoje. Chegaremos, então, ao mundo da nanotecnologia.

“
A rapidez da mudança desorganiza. Num primeiro momento, ela quase nunca é positiva.
”

■ **Organicom** - E as empresas estão preparadas para estas mudanças?

— **Ethevaldo Siqueira** - Todas essas tecnologias e, principalmente, toda a comunicação eletrônica via Internet é feita numa velocidade muito grande. Num primeiro momento, a rapidez da mudança quase nunca é positiva. Ela desorganiza empresas, afeta o perfil do mercado de trabalho, muda a demanda do mercado, cria vulnerabilidades. Há empresas que acabam de planejar, desenvolver ou implementar um produto hoje e ele já está obsoleto antes de ser lançado. Então, é preciso contar com uma outra filosofia de desenvolvimento tecnológico.

■ **Organicom** - E como conviver com essa obsolescência constante? O homem parece não estar preparado para isso.

— **Ethevaldo Siqueira** - Não está, mesmo. Mas, progressivamente, vai aprendendo. Hoje, nós sabemos que temos de viver com dois ritmos. De um lado é aquele do trabalho e das obrigações sociais, um ritmo imposto pela tecnologia, pela sociedade. O que o homem ainda não aprendeu é a criar e assegurar

rar condições para um outro ritmo, o do lazer, do entretenimento ou do ócio, em férias. Nesse momento, temos que dispor de meios para desligar a pressão da tecnologia, do trabalho, dos problemas cotidianos mais desgastantes, do trânsito e de todo o estresse gerado na maior parte de nossa vida. Enfatizo ainda uma vez: a tecnologia e a informatização podem elevar a qualidade de vida, a produtividade e trazer um mundo de vantagens, seja no acesso à informação, ao conhecimento, à comunicação e a outros recursos. Mas, claro, também cria males que são inerentes ao processo. Quem dá grandes lições sobre esse tema é o sociólogo italiano Domenico De Masi, que, mais do que qualquer outro, valoriza o ócio criativo, até há pouco considerado quase como um pecado por muita gente. Ócio era um sinônimo de preguiça. É uma visão errada. Aos poucos, o mundo tenta estimular toda forma de trabalho criativo. O trabalho que dá prazer é muito melhor que aquele que dá a sensação de sofrimento. E não é esse trabalho, de sofrimento, que eu quero para mim.

■ **Organicom** - Há países, como o Brasil e própria Índia, que estão dando saltos econômicos através da apropriação e produção de novas tecnologias, principalmente na área de software. Como o Sr. vê isso?

— **Ethevaldo Siqueira** - Os quatro países conhecidos pela sigla BRIC – Brasil,

Rússia, Índia e China – têm vivido um processo de transformação muito rápida com as novas tecnologias. O Brasil, infelizmente, não está caminhando no mesmo ritmo de avanço da China e da Índia, países com uma obsessão pelo processo de modernização. Neste caso, o Brasil deveria estar no fim da sigla, invertida CIRB. É claro que, nesse processo acelerado de desenvolvimento econômico e tecnológico, nem tudo são flores. Os chineses, por exemplo, enfrentam sérios problemas de agressão e destruição do meio ambiente, com índices intoleráveis de poluição do ar, dos rios e do solo.

■ **Organicom** - As organizações tomaram um lugar de mediação que historicamente foi da Igreja, da Escola e do Estado. Com isso, elas têm uma obrigação com a inclusão digital?

— **Ethevaldo Siqueira** - A sociedade como um todo deve ter compromisso com a inclusão digital. Cada organização deve lutar por seus objetivos específicos, mas sem esquecer essa obrigação com a sociedade, o País e a humanidade. Nesse sentido, é muito positiva a ação das ONGs no processo de conscientização do Estado. Nunca é demais repetir que as empresas precisam tornar-se empresas cidadãs, visando objetivos que estão além do lucro, embora tenham que pensar na sustentabilidade do modelo empresarial de mercado. Eu sei que essa é, talvez, uma visão ideológica, mas seria

uma burrice se a própria empresa pensasse em matar a galinha dos ovos de ouro e, como organização privada, não devolvesse algo mais à sociedade que a sustenta.

■ **Organicom** - Por fim, qual é o próximo divisor de águas? O que vai acontecer, ou o que está acontecendo, que pode revolucionar a estrutura social?

— **Ethevaldo Siqueira** - Duas coisas vão realmente marcar um novo salto de avanços e mudanças tecnológicas. A primeira é uma nova Internet diferente da rede atual, que tende a se tornar universal, em banda larga. Essa mudança vai nos levar ao uso intensivo da web nos próximos dez anos, modificando ainda mais a escola, a fábrica, o trabalho e o entretenimento. Embora ela já seja uma plataforma integradora, a convergência digital proporcionada por essa rede mundial será superior a tudo o que conhecemos ou pudéssemos ter imaginado nos últimos trinta anos. Como consequência, a interatividade será muito maior, com todos os meios realmente concentrados. Outro aspecto relevante da Internet no futuro é

que sua penetração – que é hoje de cerca de 10% da população brasileira – poderá chegar, em dez anos, a mais de cem milhões de brasileiros. Esse novo patamar poderá significar uma verdadeira revolução. Como o mundo todo deverá experimentar, em graus diversos, a expansão da Internet, o Brasil te-

rará novas oportunidades como exportador de conteúdos culturais de classe mundial. O País tem, realmente, seu lugar nessa revolução, porque já alcançamos o padrão de classe mundial em muitas outras áreas ou segmentos do que fazemos e produzimos. Temos muito conteúdo para exportar da nossa literatura, da nossa televisão, enfim, da cultura brasileira. Outro divisor de águas,

que já temos a idéia do que será, é a nanotecnologia. Nisso, o Brasil vai encontrar um grande desafio, porque investimos pouco nesta área. Ela vai ser uma tecnologia disruptiva, tão demolidora que as pessoas que ouvem falar dela acham que é ficção, como era a idéia das viagens à Lua. E, podemos esperar, trará soluções e agravamento de outros problemas. Como toda inovação. Como toda quebra de paradigma.

“
A
nanotecnologia
é disruptiva.
Tão demolidora
que as pessoas
acham que é
ficção, como
era ir à Lua.
”